

A Sociedade de Cartões Summario

4.ª serie

1895

N.º 2

CRENÇA & LETRAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

P.º Antonio Hermano

DA

Direcção do Collegio de S. Dámaso

Assignatura

seis centos réis
por anno

Redacção

C. de S. Dámaso
Guimarães



Summario — Povo Deicida! *Rodrigo Moreno*—Sobre Crenças, *Conego José Maria Ançã*—Retalhos de Prosa, *P.º Heurique Gomes*—*Ignis Ardens*, *P.º Manoel d'Azevedo*—Meditações, *P.º Antonio Hermano*—Crivo, *João Mario*—Boletim do Collegio.

BOLETIM DO COLLEGIO

Os meus deveres nas aulas

(Carteira d'um collegial)

1.º *Estudarei as minhas lições.* Se o não fizesse por brío ou por garantir-me um futuro feliz, devia faze-lo por gratidão a meus queridos paes. Elles sacrificam-se por mim, gozam com as pequeninas glorias da minha carreira litteraria e soffrem muito com os meus desastres. Porque não hei de poupar-lhes desgostos e liberalisar-lhes alegrias?

2.º *Respeitarei os meus professores.* O principio da obediencia e do respeito é fundamental em qualquer agrupamento ou sociedade, mas ainda que o não fosse eu devia respeitar os meus professores porque elles são os meus guias e sentem-se obrigados a promover o meu bem. Tudo o que fazem inspira-se n'este intuito. Se me reprehendem ou castigam é porque eu me

furto a cumprir os meus deveres, é porque são meus amigos. Se eu quero d'isso uma prova, basta dar uma boa lição: logo os vejo contentes e recebo elogios.

3.º *Estimarei os meus condiscipulos.* A aula é como que uma familia. Todos alli devemos ser amigos, generosos, bons, leaes. Aos que Deus fadou com mais talentos do que a mim não lhes terei inveja, mesmo porque não é n'isso que rigorosamente elles têm merito: se muito valem a Deus o devem. A'quelles para quem Deus não foi tão liberal, nunca os despresarei. E que motivo teria eu para assim proceder? Se têm menos intelligencia que eu que culpa têm n'isso?

Mas o sentimento de amizade que me prende aos condiscipulos não obsta, antes me obriga a sentir e até a censurar o mau comportamento ou a preguiça dos mais levianos. Se os estimo, porque não hei de incita-los ao bem?

L. O.
Collegial

Associação de S. Luiz

A sessão de Fevereiro realisoou-se domingo, 3 de Março. Estavam presentes quasi todos os socios. A abertura a *Estudantina* executou o Hymno de S. Luiz.

Lida e approvada a Acta, tomou a palavra o sr. d. Presidente Nato, P.^o Amandio. Disse que era seu proposito encetar uma serie de pequenas conferencias, que focassam as mais preclaras virtudes de S. Luiz, e que por fenez se darja, se as suas palavras acordassem na alma dos socios vibrações de virtude. Principiou pela Obediencia. Exclamou com grave primor a excellencia d'ella e disse com que extremos a desvellava o Sancto. Roborou a sua these com acertadas considerações philosophicas, e na ordem social e na propria Virgem — a ancilla do Senhor e em Jesus obediente até á morte encontrou claros espelhos d'aquella virtude — a primeira. Por ultimo fez vibrar o sentimento dos jovens socios lembrando-lhes os conselhos amicissimos e os pedidos carinhosos de seus paes.

As palavras do sr. Presidente foram cobertas por um vivo e bem justificado applauso.

Em seguida tomou a palavra o socio Ferreira Leite dissertando por alguns minutos e bem, sobre a importancia das Associações.

Fizeram tambem a sua estreia n'esta sessão tres novos oradores da classe dos pequenos—Alberto Carneiro, Annibal Mesquita e Adelino Jorge. Se a apresentação deixou alguma coisa a desejar foi isso devido á inexperiencia. Já é muito para louvar o terem tido a coragem de tomar a palavra. E' assim que se principia. Tambem por ultimo tomou a palavra o rev. Henrique Gomes para fazer uma e bem entendida proposta praxista.

Durante a sessão a

Estudantina

executou os seguintes trechos em que se houve com a costumada pericia

Hymno de S. Luiz (orchestra)
SOUVENIR D'ALSACE (ao piano) Henrique Miranda.

A valsa DOLORES (orchestra)
SERENATA (ao piano) Arlindo Martinó
Os concertistas eram: — Gustavo, Arrochella, Braga, Acacio, Abreu, Arlindo, José Ribeiro, Hen-

rique Marinho, Alberto Marinho, José Torres, Henrique Miranda e o digno professor M. Martinó.

Ouvimos dizer que a *Estudantina* dará brevemente um concerto em Guimarães. Estimamos que os jovens musicos afirmem bem publicamente a sua pericia.

Lista honorifica de Fevereiro

Merito moral:— Fernandes, M. Antunes, Amilcar, João Queiroz, Martins, A. Peixoto, Marques, Silva, Peixoto Azevedo, Maia, Lopes Leite, Albano Leite, Gonçalo Leite, Monteiro, Leão, Altino, Abel Torres, Amandio, Henriques, Fernando, Sumavielle, Sol, Henrique Miranda, João Miranda, Alves Ferreira, Vieira de Castro, Sousa Moreira.

Merito literario:— Amandio, Julio, Alb. Machado, Armindo, Amilcar, Abel Torres, Lopes Leite, Altino, Sol, Arnaldo, Abilio Antunes, Lopes Leite, Serafim, Abrúlio, Amaral, Sampaio Bastos, Sumavielle, Ubach, Eugenio, Campos.

Carteira

— A maior parte dos alumnos foi a ferias do carnaval. Os que ficaram (cerca de 50) improvisaram um theatro e levaram á scena varias e interessantes comedias e cançonetas.

Mostraram notavel aptidão os alumnos Carlos Monteiro, Abel Mesquita e José Torres e Casimiro, desempenhando bem os seus papeis muitos dos outros.

— Nem todos foram promptos e pontuaes em voltar de ferias; alguns justificaram-se; mas outros não, o que muito sentimos.

— O estado sanitario do Collegio continúa a ser excellente.

— A frequencia mantem-se a mesma: 160 internos.

— O Collegio concorreu com 13\$000 rs. para a manifestação que os estudantes do Porto promoveram em honra do grande poeta João de Deus.

— As ferias de Paschoa principiam no dia 10 de Abrú, quarta-feira.

Pro patria

Todo o joven portuguez tem na sua alma um sentimento muito vivo entre os que mais o são:—o patriotismo—. A Patria é, e deve ser um idolo. Espirito que se não alvoroca ao som mago d'esse nome é uma alma morta. Morta e bem morta porque o patriotismo é a contraprova dos outros sentimentos que merecem a distincta rubrica de *nobres*. O caracter, o civismo, a honra, o espirito de sacrificio, a generosidade, são flores que não viçam onde quer que o sentimento da Patria esteja extincto.

Civis.

POVO DEICIDA!

No Golgotha pregaste no poste dos escravos o Justo, e o Justo ungiu-te com uma tremenda maldição!

As Memórias da Humanidade não resam de outra maldição assim! maldição cahida dos labios divinos da Omnipotencia.

A ambição perdeu-te, povo cruel, quizeste um Messias cezareo, potente em exercitos, soberbo em riquezas, altivo como os dominadores capitulinos, despota como os que alcançam o orbe grande com os dois gumes da espada exigua; quizeste, ignara gente, o dominio mundanal, rubro de muito sangue desperdiçado em batalhas assassinas.

Era ignobil a tua esperança ridenda, rasteira como a nevoa pesada dos vales, a via lactea de teus ideaes.

Um Messias como esse, de espada e throno, allegionando hordas para a pilhagem, para o morticinio louco, aos milhares, já existira vezes sem conto. Tinha-los visto voar como meteoros, na pompa sonora do triumpho: aguaram-te aquellas iniquas romarias da vã gloria, e sonhaste um sonho mau, um sonho de illusão fatal.

Por isso, quando o Messias te bateu á porta, afferrolhaste-a mais.

Elle era quasi um mendigo: não vinha rico de purpuras.

Os raios bemitos de seu verbo eloquente cahiam estridulos sobre o vicio: não affagavam os potentes, os sabios, os hypocritas, dealbados como as tumbas das necropoles.

As suas legiões magnificas era a grande turba erradia dos que supplicam por Deus, um lampejo de justiça, um fragmento de bem, d'esse bem tão doce, que os felizes gosam, egoistas, como Nababos.

Não fluctuavam juncto d'elle aquellas aguias sublimadas, descidas d'além do Tibre, ninho seu sobranceo, olimpico.

Os seus pretorianos eram as creancinhas, tão lindas, tão innocentes; eram os enfermos, os leprosos, tão infelizes, tão doridos; eram as mulheres tão frageis, tão lacrimosas!

Não avançava, terrivel, rei, sobre as cidades grandes, rendidas, trementes: era o ermo, a montanha, a aldeia pobresinha, o campo sacro de sua Odyssea immaculada, azul.

Não negaceava as zumbaias dos aulicos; pegava do tagante quando a injustiça bradava ao ceu.

Irritados, impia gente, pozestes-lhe aos hombros o manto escarlata do vil escarneo: na mão, cofre de bençãos divinaes, a canna-verde do insulto; na cabeça sanctissima cravastes com furia a corôa-ferrea da sua realieza—a realieza do soffrimento. Depois, pedido em grita-viva, ao governador pusillanime, o sangue, o sangue do que, em troca de miseras glorias bellicas vos offerecia as grandes glorias sociaes, amarraste-lo ao madeiro da infamia—o throno do mais vasto imperio moral.

E o sangue d'aquelle sacrificio cahiu como chuva de fogo sobre vós, povo maldito.

Expulsos da patria querida, erraes, vagabundos, perdidos, inconfundiveis, sós, sobre a face inteira do mundo, sem um palmo de terra onde de joelhos levanteis uma prece ao vosso Jehovah. Não paraes nunca, infelizes, senão para chorar, para ouvir de toda a parte as vaias, os apupos, os *crucifige* outr'ora por vós gritados contra o Nazareno—a Innocencia—em frente do Barrabás—o crime.

Maldição suprema! Já lá vão desenove seculos de expiação desfeita n'um mar de pranto, n'um cruciamento de precito, e ainda o sangue do Cordeiro cáe e cahirá sobre as cabeças dos filhos dos deicidas! Infelizes! se,

aqui, além, vos alenta uma radiosa aurora de felicidade, logo se desembainha inflexível, erecto, o gladio da infinita Justiça imperando em tremulos de ira: — avante, avante! Não é vossa a terra que vos viu nascer; a patria essa era bella, mas perdeste-la quando ao sangue do justo exorastes a maldição que vos arrasta; eis de seguir como arestas no torvelinho o destino cruel, a desdita misteriosa, e fugir, correr na aza negra d'um tufão atroz.

Não tendes Patria! Que dôr, que saudade!

A Palestina, que a aurora embala e já foi vossa, era tão linda, quando ainda a não tocara a desgraça que vos fere a vós...; tão aromatisada de essencias preciosas, tão povoados de frondes os vales e as collinas e as ribas das correntes caprichosas; tão cheia de poesia santa a terra de Israel, a patria dos grandes videntes, onde cada topo de montanha, cada vale, cada gruta, cada estrada era um milagre, uma memoria, um monumento... Era tão fertil a Terra da Promissão, onde manava o leite e o mel; era tão magnifica, tão sentida, a terra que viu himnificar o Cantico dos Canticos e elevar-se o Templo de Salomão..., era tão suave o firmamento, e como soes aquellas estrellas—beijos de Deus...

Não tendes patria e Jehovah já não acolhe os ecos de vossas sinagogas; mas fazeis a dura ascensão de vosso singular calvario com resignação heroica: sem um queixume seguis o impulso da desdita.

Amaes o trabalho; por isso vos entra em casa o oiro a morêas e com elle o Odio e a Inveja de olhos accessos.

Sois leaes á velha Lei de Moisés, mais que os discipulos de Jesus á Lei Nova e suspiraes com lagrimas quentes da fé pelo vosso Messias, o Messias que nunca chega.

Por isso, filhos do grande crime, quando o Justo vos vir juncto de Deus, dir-lhe-ha como do alto da Cruz: —Pae, perdoa-lhes, não sabem o que fizeram.

Rodrigo Moreno.

SOBRE CRENÇAS

(Após a leitura da
 “RESPOSTA AO SILLABUS,”
 Poesia de Guerra Junqueiro)

Ouve, Guerra Junqueiro, *as coisas que eu te digo* :
 Sólto d’essa prisão do blasphemar antigo,
 Erga o vôo teu genio aos páramos da luz,
 Qual aguia que se eleva ao astro que a seduz.
Tudo se modifica e tudo se renova?
 Pois bem. Pódes mostrar d’essa verdade a prova,
 Modificando a ira e renovando a crença.
 Onde está tua fé?... Pôeta! medita e pensa.
 Quem hontem era hereje accurve-se, contrito.
 Vem de Deus a verdade, e Deus não é um mytho,
 Elle — o supremo auctor da vastidão do mundo.
 Derruir quanto fez o seu poder profundo
 E’ impossivel: a Cruz ha de sobreviver.
Como é que pódes tu, Junqueiro, pretender,
Cerrando em tua mão medonho box — o mal,
Lecar aos encontrões a Igreja universal,
 E faze-la, no chão, cahir sem equilibriô,
 Por entre o gargalhar da troça e do ludibriô?!
A trajectory immensa e fulva da verdade
Não se póde suster com a facilidade
 Com que um homem sustém um veio d’agua fino.
Atirar a justiça, o bem, o que é divino
A’s fogueiras do olvido, é coisa enexequivel:
Reduzires a cinza o qué? O incombustivel!
 Genio! possa Lusbel dizer a Victor Hugo
 Que deixaste de ser das crenças o verdugo!
 Poeta,
 A espada dos atheus, sobre os christãos erecta,
 O verbo de Renan, e os odios d’Arouet,
 Mortes, malsinações, denuncias de Guadet,
 Doestos furiaes, emfim tudo que seja
 Tendente a perseguir a Christo e sua Igreja
 (Verbi gratia: a «Velhice» e a «Morte de D. João»)
 Nada faz desmaiar a santa religião
 Que se altêa formosa e bella em nosso peito.
 E’ mais grato viver ao Papa e a Deus sujeito,

Que ser do vicio escravo e da miseria *immensa*
 Que pretende apagar o sol da nossa crença,
 E destruir o Céu — patria do desterrado.
 Se consciencia tens, Poeta, ouve seu brado.
 Não se oppõe ao Progresso a lei de Jesus Christo.
 Vae pensar... vae pensar maduramente 'nisto,
 E deixarás, alfim, o campo da peleja,
 Amaldiçoando o Inferno e bemdizendo a Igreja.

Amigo, o vicio, então, ha de dizer-te: «Pára ;
 «Co'a foice da heresia a ceifar vólta a ceara
 «Das crenças puras : vem, segundo o tempo antigo,
 «Do Christianismo ser indomito inimigo,
 «No goso e no prazer olhar a divindade,
 «A' protervia chamar irmã da Liberdade,
 «Um louco ao Nazareno e impura á Virgem Santa.
 «Sim ; contra o que é celeste a ferrea mão levanta ;
 «Pede alentos á Musa e tudo *que é preciso*
 Pr'a destruir a Deus, o Inferno, o Paraizo.»

Então, eximio Poeta, assim responderás :

«Eu obedeco ao Céu, e não a Satanaz ;
 «Defendo o Chisto, o dogma, o Papa, o Vaticano,
 «Da guerra, que lhe faz o Mat'rialismo insano,
 «Vibrando, destemido, o erro e a negação.
 «Cessou para com Deus a minha ingratição ;
 «O orgulho repelli ; abandonei Voltaire ;
 «Eu impio já não sou : a lyra não desfere
 «Blasphemias contra o Céu. Sim ; reconheço agora
 «Na Fé aterna luz, na crença a eterna aurora !»

Poeta ! Christo é Deus, Deus santo e verdadeiro.
 Adora-o, por quem és. Converte-te, Junqueiro

Conego José Maria Ançã.

(Vice-reitor no Seminario de Teja).

RETALHOS DE PROSA

I

UM SONHO

Ouvi um sonho que eu tive, sonho horrivel, tetrico, cheio de pavôres.

Um dia, ao entardecer, quando no céu havia manchas escarlateas e na terra o continuo rodopiar no torvelinho dos prazeres, quando tudo, longe do povoado, no silencio mysterioso da natureza, fornecia incitamentos á meditação, subi, com o coração oppresso por ingente amargura, ao viso d'um monte, recostei me na anfractuosidade d'um rochedo, extendi por um pouco a vista sobre o oceano da vida, vi o fervilhar da sociedade n'uma ininterrupção de gosos terrenaes, senti-lhe os arquejos e as ancias, ouvi-lhe a prece de todos os dias— mais, mais prazeres, e depois... cahi em lethargo e sonhei.

Escutae o sonho :

Sobre a humanidade extendia negras azas um abutre, horripilante como a personalisação do crime, medonho como as escurentezas de noite borrascosa.

Os seus vôos eram arrojadissimos, impetuossimos.

A sombra; que projectava, era enorme, caliginossissima.

Parecia insaciavel de victimas, inquebrantavel de forças.

Poisava arrepanhador em tudo e em todos.

Esfalfamentos, não os sentia.

Desmaios, não os tinha.

Victimas, não lhe faltavam.

A arena do combate figurava um cemiterio arregoado de sangue, com ossamentas que se decompõem.

Ouvi muitos gemidos alanceadores, muitos baques estrondosos; vi muito desbotar de rosas em faces carminadas, muito desfolhar de lyrios, muito emmurchecer de açucenas, vi muito estorturar de muribundos.

E o abutre sempre incançavel na faina de destruição, offegante, mas apressado, as garras aduncas esvurmando sangue, mas nunca embotadas.

Examinei os mortos e encontrei velhos de cáus e de rugas, jovens com viçôr na fronte e rigeza nos musculos, creanças, delicadas como a tenra hastea d'uma flôr, de cabellos loiros, muito pequeninas, muito para se amarem.

A' vista d'este espectaculo senti electrizações amargurosas na alma e despertei.

As faces escaldavam-me, pelo corpo corria me um suôr muito frio e o cerebro latejava violento.

Esperto, pensei: Existirá esse abutre? a sociedade será hoje presa d'algum monstro?...

Pensae, como eu, e conhecereis esse abutre, esse monstro.

II

A RESIGNAÇÃO

Não bate um coração na terra que não soffra. A dôr é apanagio do homem. Évital-a, impossivel. Aparar-lhe os botes, só no escudo da resignação. E este é forte, de rija tempera, imperfuravel.

As settas, batendo n'elle, embotam-se. A resignação é o adversario mais temido pela dôr; recebe-a a pé quedo, sem tremuras, inflexivel.

Homem resignado é colosso que se ergue inabalavel em meio da extensão do deserto, é cedro que não se desenraiza, sacudido fortemente pela furia das tempestades.

Feridas pensadas com o tenimento da resignação cicatrizam-se breve. A resignação, quando a dôr nos

infelicitas os dias da vida, faz-nos erguer a vista para o azul do firmamento, levanta uma pontinha do véo que encobre a Divindade, entremostra-nos os encantos celestes, e depois segreda-nos ao coração n'um ciciar de vozes muito dôce: Não custa penar cá em baixo, fitando os olhos da alma nos paramos da Bemaventurança.

O mundo é desterro e não patria, terra de provações e não eden de delicias.

Quanto mais féll tragardes serenos no desterro, tanta mais ambrozia libareis na patria.

Quantos mais espinhos encontrardes na terra da provação, pisando-os sem queixume, tantas mais rosas immarcessiveis vos engrinaldarão a fronte no Eden celestial.

Soffrei e amae o soffrimento, porque esse amor leva ao céu.

Ouidas estas palavras sobremaneira animadoras, sente-se sangue novo a intumecer o coração, tem-se alentos mais pujantes, parece, que se adquire uma alma mais viril, mais de bronze para resistir aos setteamentos da dôr.

Sublime poder o da resignação!

Quem fizer d'ella um escudo vence combates e canta victorias, gasta exforços, mas ganha tropheos, verte sangue, mas esse sangue transforma-se em orvalho que lhe vae rejuvenescer a alma, cicia ais, soluça gemidos, mas depois empunha a palma do triumpho e canta alleluias.

Sublime poder o da resignação!

E' o antidato da dôr.

Collegio de S. Damaos.

P.º HENRIQUE GOMES.

IGNIS ARDENS

Ha já bem seculos que um homem, por tantos titulos illustre, era conduzido a Roma no meio de soldados crueis, para ser devorado pelas léras n'esse Colyseu famoso, cujas ruinas gigantescas se elevam ainda para attestar atravez dos seculos a sua execranda memoria.

Agrilhoado pela tyrannia, carregado de ferros e arroxeadado de algemas, foi este homem conduzido ruidosamente atravez das ruas e praças da cidade eterna, onde primeiro devia ser dado em espectáculo, exposto, como seu mestre, ás vaías d'uma pleble, a mais ignobil.

Chegada a escolta ao grande amphitheatro, este homem é alliviado do peso das cadeias e dos ferros; mas, ouvindo-se logo o primeiro signal das trombetas, fecham-se sobre elle todas as portas do circo, e lá fica, pobre martyr! sosinho no meio da arena ouvindo bem distinctos o rugido dos leões esfomeados e o regougo dos tigres e leopardos, adrede preparados para o seu supplicio, fazendo um côro infernal com o vosear infrene do povo-rei, avido d'estes espectaculos de sangue.

Que homem, ainda que tivesse d'aço o coração, deixaria de succumbir no meio de tanto horror?! mas o santo bispo immovel, de pé no meio do circo, como rochedo no meio das ondas, não tem diliquio nem desmaio, não perde o animo e o valor! E, com os braços crusados sobre o peito, fitos os olhos no céu, murmurava uma prece fervente, que foi perder-se no seio de Deus...

De repente, como que transfigurado nos esplendores da graça celeste, subindo-lhe aos labios todo o incendio do coração, esbraseado nas chammias do amor intenso que o devora, assim exclama:—Eu te amo, oh meu Jesus, meu Salvador, eu te amo, oh meu Christo, e me sinto feliz em morrer tambem por teu amor. Sinto

já n'este momento o antegosto do céo, por poder pagar-te assim, oh Christo, a minha dívida sagrada: vida com vida, sangue com sangue!... Venha, venha, pois, a tortura, venham os flagícios, os eculos, o fogo e a cruz, comtanto que eu ame, comtanto que eu gose sempre a Jesus Christo. *Tantum ut Christo fruar!*...

Ao ouvir este grito singular, que tanto excedia o nível conhecido da coragem e esforço dos romanos, um fremito geral e íntimo parece invadir, como corrente eléctrica, aquelles milhares d'espectadores, assombrados com tal manifestação de coragem e d'amor por um Deus desconhecido. A este estremecimento misterioso não foi tampouco estranho o proprio Cesar, ladeado de lictores no seu estrado, e precedido d'araustos, como se estivera em pleno senado...

Por acaso ou de proposito um olhar penetrante do martyr cruza-se n'este momento com o de Trajano, que o não pode supportar, deixando pender a cabeça para o chão. Elle, o vencedor de cem batalhas, tão endurecido nos acampamentos d'uma guerra quasi sem treguas, não pode agora supportar, sem succumbir, o simples olhar d'um innocente!...

— Venham, venham as féras, grita o martyr, como que transfigurado nos esplendores da aureola que o circumda. — Porque tardam?—Não estão ellas preparadas para o meu supplicio? Ah possa eu gosar em breve o seu furor! — Eu as peço. — Prasa a Deus que estejam promptas para me attormentarem.—Eu as reclamo. —Prasa a Deus que, em vez de receiarem tocar-me, como tem succedido a outros martyres, sejam bem depressa attrahidas a devorar a minha carne e a triturar os meus ossos!—Ah mas, se não querem vir, eu mesmo irei desalfial-as para que me devorem. *Quod si venire noluerint, ego vim faciam ut devorer!*...

Não foi preciso. O Cesar não poude supportar por mais tempo as fulgurações d'aquelle olhar sobre-humano, que o alanceavam como settas, nem o echo d'aquel-

las palavras nunca ouvidas, que lhe cahiram n'alma como brasas candentes. Por isso, a um seu aceno, e sem duvida para suffocar os encontrados sentimentos que lhe iam na consciencia, ouve-se de repente o segundo signal das trombetas, abrem-se a um tempo todas as jaulas, e o martyr ve-se cercado n'um momento, de feras esfaimadas!...

A natureza estremeceu no meio de tamanha iniquidade, á vista de tanto horror! Mas o martyr, mas o santo ainda de pé, imperterrito, immovel, como se houvera creado raizes n'aquelle sólo, fitos os olhos no espaço, como a devassar a distancia que ainda o separa de Deus, exclama de novo n'uma voz d'ineffavel timbre, ouvindo-se-lhe ainda esta palavra, ou antes este grito vibrante, que sobrepuja o rugido de todas as feras no meio do espanto e assombro geral dos espectadores. — Não sou mais que um grão de trigo do teu celeiro, oh Christo. Vou ser moido pelos dentes das feras, para ser em breve no céu um pão immaculado e purissimo. *Dentibus bestiarum molar, ut panis mundus inveniar!*...

Taes são os extraordinarios signaes do amor de Jesus Christo, quando se ha verdadeiramente apoderado d'um coração! Tal é o grito d'um coração amante e generoso, chamma viva ou throno ardente, onde Jesus Christo faz reinar o seu amor!

O homem que assim fallava, desafiando a perseguição com todos os seus horrores, era Santo Ignacio, o santo bispo d'Antiochia.

Villa Real.

P.^o Manoel d'Azevedo.

MEDITAÇÕES

O zangão.

Se n'esta lugente estancia da desgraça plurima, alguma coisa ha que de todos mereça um salvé! amoroso é—o *trabalho*: se alguma coisa ha que de todos os labios arranque uma maldição justissima é—o *ocio*.

O ocio é a negação formal da vida; é um vampiro a sugar com delicia as lagrimas dos que soffrem; o ocio é um insulto aos que trabalham; é o vestibulo soturno do crime. Eu quasi encontro uma desculpa ao anarchista quando os seus attentados visam este parasita. Todos ao encaral-o devem levantar um *tolle!* que fulmine, que esmague essa infamia doirada.

Todavia, (heis de crêl-o) ha espiritos tão baixamente ignaros que a blusa honrada do trabalho os humilha! Sentem-se mesquinhos, ridiculos, descidos ao nivel infimo da besta, se a necessidade crua os algema á mó do labor manual.

Pois eu tão respeitosamente me inclino deante do nobre operario que na bigorna amolda o ferro ao rubro, como deante de Newton, o opolentador emerito do escriptorio da sciencia.

O sabio é socialmente mais util; o operario é pessoalmente mais benemerito.

A traição!

Aquelle homem isola-se, refoge á penumbra do gabinete, dobra-se sobre a banca do trabalho, a pensar, a pensar... Vejam: a fronte vinca-se-lhe; parece que esvoaça n'aquella alma um crepe funereo; uma nuvem de tristeza, vinda do imo d'alma espalha-se-lhe na fisio-

nomia magoada, morta... Tem crispações ferozes, sacudidas bruscas...; de longe a longe passa-lhe pelos olhos em flamma um clarão sinistro... Uma vez ouvi-lhe eu uma gargalhada que me causou um medo estranho; era quando elle contemplava com caricia febril a lamina espelhante d'um punhal!

A's vezes levanta-se, agita-se, passeia como o tigre na jaula, morde os labios, crispa os punhos cerrados, o coração arfa inquieto na arca estreita do peito; os labios na febre aguda da iniquidade trahem bramidos de tempestade; são palavras desconexas, vermelhas de infamia, silvantes de imprecação.

Que medita aquelle vil?

Uma traição!

Prudencia!?

Confinantes, mal a gente sabe ás vezes onde uma termina e a outra principia. Muitas vezes mesmo uma a outra se fazem costas.

Muitos ha que julgando-se prudentes são rasteiramente cobardes: para elles é uma imprudencia avançar em voz alta e firme uma ideia que o coração sosinho diz e proclama, é uma imprudencia não seguir, olhos no chão, mãos em cruz, panurgicamente, o piso alheio; é uma imprudencia...

Que haviam de dizer, meu Jesus, se eu tivesse o atrevimento de levantar mão contra usanças tão sagradas? Nada, seria uma imprudencia.

De tal arte cala-se o pusilamine, não arca comsigo, e opta pela beatissima profissão de realejo de feira remoendo as velhas ideias pergaminhadas, e deixando christallisar o cerebro, na immobilidade morta da ignorancia.

Eu desejava que a prudencia vivesse antes no solar fidalgo da coragem e deixasse de visinhar a cubata da velha saga. Aquella sim, dá á convicção propria o calor

sempre-vivo da fé e seduz, e arrasta, e alenta ás corrimaças da bella gloria.

Ameaça!

Tambem é bom o riso. Se a gente medita sempre no que assombra, no que aterra, no que é grande, no que se impõe ao espirito, vem a lassidão, cerra-nos as palpebras e adormecemos. E' necessario pois, que o clarim do riso vá acordar a alma á grimpa eterea do ideal, é necessario pôr á dependura, espipados, os ridiculos sociaes e alvejal-os com as zargunchadas da satira: o festim sonoro da gargalhada tonifica o pensamento.

Hoje corre na praça esta desgrenhada ameaça: — *vou para os jornaes!* A proposito d'um caso minimo ou d'um caso magno é sempre este desforço pimpão: — *vou para os jornaes!*

Até o meu alfaiate me ameaçou já com *os jornaes!* Antigamente havia o cacete formidando, a bengala fidalga, o murro grosseirão, e para os casos tragicos o saudoso bacamarte: hoje tudo isso é fossil; resta só de pé essa barricada gloriosa—*os jornaes!*

Bemdito seja o progresso! assim, sem uma arranhadura, qualquer Quixote de cartão floreteia com a penna n'um linguado uns disparates a escorrer ignorancia, cobardia e má fé e lá fica na terrivel arena epica o adversario... a rir-se!

Gloria ao vencedor!

O Cinico.

Na galeria hedionda dos aleijões moraes salienta-se este mascara de estanho:—o cinico. Todos os filhos malditos do vicio têm n'um recanto da pobre alma uma luzerna de bondade: não ha malvado de tal requinte que não sinta o coração alguma vez na vida. O cinico, esse não: é de ferro algido aquelle paradoxo animado.

Se lhe disseres que ha sentimentos a que a dignidade humana não póde jamais furtar-se, sorri-se alvarmente; quando appelas para o amor de seus paes, sorri-se; quando lhe pintas o negrume da ingratição, sorri-se; quando lhe dizes que ha deveres, sorri-se; quando lhe infamas o nome, sorri-se; quando lhe escarras na fronte estúpida, sorri-se; se lhe juras que ali perto, a dois passos, agonisa de fome o seu amigo, sorri-se; sorri-se se em sua presença pozeres fogo á sua honra. Ri sempre, sempre, aquelle riso nefando, aquelle riso pavoroso!

E' a predestinação para o aviltamento!

A poeira dos mundos!

Eis uma frase que assombra! poeira dos mundos! esses corpos immensos, magestosos nas orbitas longinquas, vastos quasi como o Infinito, são poeira?! Se chamassem poeira a tudo o que nos cerca, e reveste o globo, ás flores, ás arvores, aos animaes, aos homens, vá; mas aos mundos!

Que seremos então nós, se de pualha leve não passam esses mundos de que Deus semeou a immensidade? E' terrivel! Perante o peso d'essa ideia sinto-me perdido na tumba immensa — o nada: sinto inveja aquelles que tiveram a dita de não nascer!

Perdão, Meu Deus! se o terrivel pensamento me lança para o vestibulo do nada, tambem avulta á luz serena da razão o teu Ser infinito, imprescindivel.

P.º Antonio Hermano.

CRIVO

(Fetereiro)

No exterior

- Morreu Giers, o velho conselheiro do imperador da Russia.
- O general hespanhol Fuentes aggreuiu o embaixador de Marrocos em Madrid. Foi um gaudio para as gazetas famintas; fizeram d'aquillo um *autem genuit* de telegrammas e artigos. O caso valia menos.
- Felix Faure está tendo a sua apoteose. Queira Deus que não passe rapida como uma lua de mel.
- Onno Klopp, famoso historiador allemão, censura acremente a obra politica de Bismarck. Já ?!
- Rochefort, o celebre jornalista do «Intransigeant» voltou á França e teve a recepção gloriosa d'um triumphador. E' a glorificação do talento.
- E' aterradora a catastrophe do vapor «Elbe» abalroado com um navio inglez. A civilisação que avança tanto, não avançará tambem um meio de evitar estas desgraças formidandas ?
- O marechal Canrobert, gloria militar de França, teve umas exequias á altura de seus meritos. E' muitas vezes assim: com a morte vem a justiça.
- Mais uma desgraça das muitas para as quaes a sociedade exora um remedio á sciencia: — a explosão das minas de Montceau.
- Do Brazil reboam alarmas de conspirações e revoltas. Será já cronica a doença ?
- De Londres dizem que o discurso da corôa faz a ideal promessa de por um travão á guerra levantina. Qual o preço ?
- Os allemães hastearam o seu pavilhão em Kraki, Costa d'Oiro. Continuam os grandes leões europeus a jogar os dados sobre a tunica do negro— a Africa.
- Zorrilla, o prestigioso chefe republicano hespanhol entrou no seu paiz não triumphante como jurara, mas moribundo. Aquella grandissima energia succumbida, aperta o coração do partido que ainda ha pouco viu a deserção de Castellar.

No interior

- Finou-se Alexandre Seabra. Era uma gloria genuina.
- Tambem o nosso immortal Sá de Miranda vae ter o seu centenario. E' justissimo. A' illustre Coimbra cabe a iniciativa.
- As escolas de Santo Antonio constituirão uma das mais simpaticas celebrações do Centenario Antonino.
- Algumas damas porpõem-se fundar um jornal religioso. Algumas gazetas rlrãm-se.
- Abriu-se o auspicio Congresso Viticola. Sua Magestade pronunciou o discurso d'abertura, em que affirmou seu muito zelo pela prosperidade agricola do paiz.
- Boatos pavorosos circulam, e as gazetas rejubilam. Fumarada sómente, mercê de Deus. O governo equilibra-se.
- A demissão do secretario da Universidade produziu os echos rugidores de ciclone. Trovoada de lata
- Para a cronica desopilante registemos que nos cafés da libertinagem lisbonenses serviam de *camareras* umas infames creaturas dignas de Limoeiro. De que não será capaz a besta humana ?
- Mais um episodio nada gracil da infindavel e enextricavel pugna que se arrasta sei lá ha quantos annos, entre catholicos liberaes e não-liberaes. E' o caso que para com a «Revista catholica» de Vizeu o Ex.^{mo} Nuncio exerceu paternalmente uma das Obras de Misericordia.

João Mario.